

VELHICE E EXCLUSÃO SOCIAL EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR E MIA COUTO

Vima Lia de Rossi Martin*

Resumo: O artigo examina comparativamente os contos “Feliz aniversário”, de Clarice Lispector, e “Noventa e três”, de Mia Couto, visando explicitar o modo particular como as narrativas problematizam o tema da exclusão social do velho. Para além das similaridades temáticas e formais entre os textos, verificaremos de que modo a sua elaboração, representativa da proposta literária levada a cabo por cada escritor, dialoga com a sociedade e o momento histórico em que foram produzidos.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Mia Couto. Conto.

SOBRE A REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA DA VELHICE

■ **N**o vasto universo da literatura, que se constitui simultaneamente construção e legado cultural, é possível flagrar a elaboração de inúmeras imagens sobre os velhos e a velhice, desde a Antiguidade clássica. E, se o tratado pioneiro de Cícero, *De Senectute*, datado de 44 a. C., apresenta uma visão jubilosa dos anciãos, essa perspectiva mais otimista tem sido relativizada ao longo dos séculos. Via de regra, as imagens da velhice presentes nos textos mais difundidos da chamada “literatura ocidental” costumam oscilar entre a tristeza amarga e a mansidão resistente (FERREIRA, 2005, p. 5).

Para uma abordagem adequada da velhice, enquanto fenômeno natural e sociocultural, convém considerar que a exclusão social dos idosos é uma realidade incontornável nas sociedades contemporâneas. Assentadas na hierarquização de classes e na fragilidade das relações pessoais, as formações sociais que predominam na atualidade são, nas palavras de Ecléa Bosi (1994, p. 77), “malféficas para a velhice”, pois nelas o velho, desprovido de sua força de trabalho, é sistematicamente desvalorizado e discriminado.

* Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: vima@usp.br

No âmbito das literaturas de língua portuguesa, autores importantes, sensíveis aos movimentos da história, têm se ocupado do tema da velhice, focalizando os limites do papel do velho como agente social e o seu lugar, quase sempre problemático, no interior das famílias. Nesse multifacetado conjunto de textos, localizamos dois contos que, por seu tema e forma composicional, favorecem uma aproximação: “Feliz aniversário”, da brasileira Clarice Lispector (1998), e “Noventa e três”, do moçambicano Mia Couto (1996).

De fato, quando confrontamos as duas narrativas, surpreendemo-nos com a afinidade existente entre elas. Uma mesma situação narrativa nuclear – a festa de aniversário de idosos preparada por seus familiares –, bem como os desdobramentos decorrentes dela – a artificialidade e o egoísmo dos convidados e a solidão dos velhos que são o foco da homenagem – orientam o andamento de ambas as histórias.

Se, entretanto, as semelhanças entre os dois textos impõem-se quase como um convite expresso para que os comparemos, a realização de uma leitura mais atenta é capaz de revelar aspectos da elaboração dos contos que os singularizam e, por isso mesmo, acabam por evidenciar não apenas as especificidades das realidades sociais apreendidas, como também das linhas de força das propostas literárias desenvolvidas por cada escritor. Como buscaremos demonstrar, é justamente na tensão entre o caráter particular de cada conto e a crítica mais generalizante que estabelecem à condição do velho nas sociedades contemporâneas que repousa a qualidade e o interesse das histórias.

A MORTE E SEUS MISTÉRIOS EM “FELIZ ANIVERSÁRIO”

Inserido em *Laços de família* (LISPECTOR, 1998), obra que, em linhas gerais, denuncia os processos de reificação dos indivíduos atados pelos laços familiares, o conto “Feliz aniversário” narra a festa de aniversário de 89 anos de Dona Anita, matriarca de uma família representativa da classe média carioca em meados do século passado.

A história é marcada por uma ironia mordaz, capaz de revelar os descompasso existentes entre a subjetividade sempre mesquinha e amarga dos descendentes da anciã e a imagem generosa e cordial que eles se esforçam por ostentar. Essa dualidade entre ser e parecer é estabelecida logo no parágrafo inicial do conto, quando o olhar sarcástico do narrador flagra a chegada dos primeiros convidados da festa:

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados [...] (LISPECTOR, 1998, p. 54).

A dupla significação do deslocamento dos familiares de Olaria, que “ao mesmo tempo” realizam uma visita à matriarca e um passeio a Copacabana, inaugura a ambiguidade que irá estruturar toda a narrativa. Também o detalhe da roupa drapeada que visava disfarçar a barriga sem cinta da nora aponta para o mascaramento não apenas dos corpos, mas dos sentimentos mais genuínos. Assim, os sentidos passíveis de serem atribuídos a cada aspecto da composição

da cena da festa são sempre movediços, favorecendo a revelação da hipocrisia que norteia as relações familiares.

A chegada sucessiva e sempre constrangida dos descendentes de Dona Anita – filhos, noras, netos e bisnetos que encontram a velha tesa e impassível à cabeceira da mesa – reforça a inequívoca artificialidade da atmosfera do encontro. A desagregação entre os membros familiares é intensificada justamente no ápice da festa, momento em que os presentes cantam o tradicional “Parabéns a você”. Afinal, enquanto parte dos convidados entoava a canção em português, a outra metade a entoava em inglês (numa crítica bastante contundente da assimetria dos fluxos culturais) e, quando o equívoco é percebido, os dois grupos mecanicamente trocam as línguas utilizadas, o que faz com que o desconcerto persista, marcando definitivamente a impossibilidade de diálogo entre os parentes.

O único contraponto a todo o universo esvaziado de afetividade encenado pela família da matriarca repousa na figura de Cordélia, a nora mais jovem da velha, que se mantém apartada de todo o fingimento e confusão da festa. Aliás, é a figura da moça que sela a intertextualidade existente entre o conto clariciano e a tragédia de Shakespeare (1997), *Rei Lear*. Sobre essa relação intertextual, Cleusa Rios Passos (1995, p. 45, 49), em ensaio intitulado “Clarice Lispector: os laços da tradição”, afirma:

A tragédia do amargurado rei, abandonado pelas filhas mais velhas, após ter repartido seu reino entre ambas, em detrimento da mais nova, encontra ecos no amargo destino de Dona Anita, matriarca de uma anônima família da pequena burguesia do Rio de Janeiro, em pleno século XX.

[...]

A recusa do jogo teatral pela nora mais nova de Dona Anita retoma a atitude da filha caçula de Lear. Em meio ao alvoroço da comemoração, a primeira mantém-se à parte, da mesma forma que a segunda se mantivera, quando chamada pelo pai para declarar-lhe seu amor.

Note-se que o silêncio e a retração da Cordélia (re)criada por Clarice conferem-lhe a possibilidade única de compartilhar com a aniversariante uma experiência qualitativamente significativa. É a jovem que, num relance, estabelece uma espécie de diálogo com a velha, recebendo dela a lição horaciana do *carpe diem*:

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: é preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais se repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarrecida. E, para nunca mais, nenhuma vez se repetiu – enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou pra trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar – a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa (LISPECTOR, 1998, p. 64).

A culpa, a perplexidade e o desespero sentidos por Cordélia, ela que era mãe do único neto que Dona Anita reconhecia como sendo “carne de seu coração” e por quem sentia afeição verdadeira, pode nos sugerir ironicamente que o garoto não era seu descendente legítimo, sendo fruto de uma relação adúltera da moça que, “infeliz”, “amava talvez pela última vez” (p. 83).

Se considerarmos essa hipótese, é possível compreender a ideia do *carpe diem* expressa em “É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta” (p. 83). como um apelo para que Cordélia se afaste definitivamente da falsidade presente naquele universo familiar (e em seu casamento, mais especificamente) e se entregue às relações mais autênticas, ao sentimento amoroso que constituiria “a sua derradeira chance de viver” (p. 83).

A figura de Cordélia e sua percepção de que “a verdade era um relance” configuram-se, assim, como uma espécie de “ponto de fuga” diante da realidade alienada. Nesse sentido, o apelo para a vida que pode ser aferido da ligeira e silenciosa interação estabelecida entre Dona Anita e Cordélia contrapõe-se à inequívoca presença da morte que se faz presente durante toda a festa e personifica-se, sobretudo, na imagem enrijecida e imóvel da anciã. Aliás, sua festa de aniversário evoca, formalmente, velório e enterro. A disposição das cadeiras encostadas nas paredes da sala de jantar, como a guardar um morto, e passagens como “Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada [...]” (p. 77), que alude à partilha do bolo empreendida pela própria aniversariante, reiteram as imagens de um ritual fúnebre que, afinal, estava na perspectiva de cada convidado.

Naquela que seria uma celebração festiva, observamos, de um lado, familiares angustiados que reproduzem uma ordem social perversa, porque egoísta e excludente, e, de outro, a velha aniversariante, a uma só vez autoritária e impotente, representando o aspecto mais frágil da vida, não apenas biológica, mas sobretudo social: atada a um destino comezinho e melancólico, seu único – e inequívoco – mistério era a própria morte: “Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério” (LISPECTOR, 1998, p. 67).

“NOVENTA E TRÊS” OU A CELEBRAÇÃO DA VIDA

“Noventa e três” compõe o conjunto de contos de *Estórias abensonhadas* (COUTO, 1996), obra que agrega estórias escritas por Mia Couto logo depois do fim da guerra civil em Moçambique. Naquela altura, segundo o próprio escritor, a esperança embalava os homens e imaginar um futuro menos violento era fundamental para aqueles que haviam sobrevivido ao horror dos combates. É o que atesta o texto de abertura do volume:

Estas estórias foram escritas depois da guerra. Por incontáveis anos as armas tinham vertido luto no chão de Moçambique. Estes textos me surgiram entre as margens da mágoa e da esperança. Depois da guerra, pensava eu, restavam apenas cinzas, destroços sem íntimos. Tudo pesando, definitivo e sem reparo. [...] Estas estórias falam desse território onde vamos refazendo e vamos molhando de esperança o rosto da chuva, água abensonhada. Desse território onde todo homem é igual, assim: fingindo que está, sonhando que vai, inventando que volta (COUTO, 1996, p. 5).

Impelido ao fingimento ficcional, ao sonho e à invenção, bem ao modo de Guimarães Rosa, Mía Couto recria aspectos da realidade de Moçambique a partir de uma perspectiva esperançosa. E, de fato, o conto “Noventa e três”, a par da lúcida denúncia que tece à condição de exclusão do velho na cidade grande, também sugere a superação de sua situação de solidão e abandono.

Antes de iniciarmos a leitura da narrativa, importa considerar que, em parte significativa das sociedades africanas na contemporaneidade, é possível verificar um processo acelerado de desvalorização dos mais velhos. Isso porque o desmantelamento abrupto e relativamente recente de grupos étnicos assentados na lógica da oralidade, de organização mais estável, gerou um complexo e dramático movimento de exclusão do idoso.

Sob o impacto modernizante do colonialismo, os valores estruturantes de sistemas sociais que poderíamos chamar de endógenos foram menosprezados, e o modo de vida tradicional, que privilegiava a atuação do velho, foi desarticulado. Essa realidade de exclusão é ainda mais perceptível nos centros urbanos, onde as tensões entre o “antigo”, vinculado à tradição, e o “novo”, vinculado à modernidade, produzem descompassos sociais e culturais notáveis.

É a representação dessa realidade de exclusão que podemos observar no início da narrativa de Mía Couto, que em muito se assemelha ao início do conto clariciano, já que a chegada dos convidados para a festa de aniversário é descrita pormenorizadamente por um narrador onisciente, que sublinha o aparente estado de apatia do avô (“O velho estava na cabeceira, cabeceando”). Porém, algumas diferenças importantes entre os protagonistas das duas narrativas se impõem: o avô é cego (“vidente invisual”, nas palavras do narrador) e, diferentemente de Dona Anita, não demonstra amargura. Aliás, a delicadeza é uma de suas principais características, já que ele “sorria o tempo todo” e “fingia aniversariamente”.

Vale ressaltar que o “fingimento” do velho é fundamental em sua existência, uma vez que se trata de uma estratégia que lhe permite sair cotidianamente de casa para encontrar, no jardim público, seus dois verdadeiros amigos – um gato silvestre e um menino de rua:

Mas o avô apenas se finge dormindo. Naquele enquanto, ele apenas aguarda uma fresta para poder exercer sua mais secreta malandrice. Todos os dias escapa do lar. Quando a cidade refreia o pulso, ele sai à rua. Nunca lhe notaram essas ausências. Nem imaginam que, andando em tropeços tão pequenos que nunca chega a cair, ele diariamente se evade para o jardim público. Vai encontrar seus dois vigentes amigos: um gato silvestre e Ditinho, o menino da rua, desses que perderam morada (COUTO, 1996, p. 56).

A “secreta malandrice” do ancião, sua evasão do espaço doméstico, onde era tratado com a indiferença e a tolerância forçada reservadas aos velhos, permite que ele estabeleça encontros plenos de sentido com criaturas também excluídas como ele. Apenas junto ao menino e ao gato, realiza trocas afetivas e se sente socialmente útil: “só para eles, vadios do jardim, ele se sentia avô” (p. 58).

No dia de seu aniversário não é diferente: enquanto todos se divertem numa alegria em que “não cabem avôs”, o velho escapa da festa e se dirige ao jardim. Antes disso, havia subitamente perguntado aos convidados quantos anos fazia. E a resposta – 93 – é a mesma que ouve quando pergunta, na sequência, em que ano estavam.

Já no jardim, Ditinho, que chega depois de “jantar um lixo”, encontra o velho e, ao observar o volume de sua carteira, quer saber quanto dinheiro ele possuía. Acompanhemos o diálogo:

[...] A criança se senta, familiar. Coloca a mão no bolso do avô, avalia-lhe o volume da carteira e pergunta:

– Então, quanto temos aqui?

O velho sorri, leva a mão ao peito e proclama:

– Noventa e três!

Os olhos do miúdo relampejam:

– Tudo isso? Estás rico, vovô.

O velho concorda, acenando um sorriso. O menino tinha o coração em trabalho de parto:

– Com esse tanto dinheiro hoje vamos fartar por aí: comer, beber, gargalhotar (COUTO, 1996, p. 58)

A cena que sucede a ambígua conversa entre o avô e o menino é justamente a cena final do conto, em que ambos – o mais novo a amparar o mais velho – saem juntos, sem destino predeterminado, para ganhar o mundo.

A interpretação do desfecho da narrativa deve levar em conta a reiteração do número 93, utilizado para referir a idade do avô, o ano vivido e a suposta quantidade de dinheiro que o velho traria consigo. Para tanto, é fundamental considerar o fato de que, no ano de 1992, é assinado o Acordo Geral de Paz que põe fim à guerra civil em Moçambique.

Assim, 1993 foi o primeiro ano de paz depois de cerca de quinze anos de uma guerra civil que matou dezenas de milhares de pessoas e destruiu parte significativa da infraestrutura do país. Tratava-se de mais um momento inaugural na história da nação, do início de uma nova etapa para os vários segmentos sociais empenhados na reconstrução material e simbólica de Moçambique.

À luz desse contexto, é possível inferir que a solidariedade estabelecida entre as figuras marginalizadas do avô e do menino – que emblematicamente se encontram no espaço público do jardim – sugere a (re)construção de uma realidade nacional em que a coesão social se assente na harmonia entre o velho e o novo, entre a tradição e a modernidade. Nessa perspectiva, determinados valores éticos, como a valorização dos mais velhos, são agenciados como uma baliza para a conquista de um futuro socialmente mais equilibrado.

É importante ainda atentar para o “ruído” presente na comunicação entre o avô e Ditinho: quando o segundo pergunta por um valor monetário, o primeiro responde com o número correspondente à sua própria idade, patrimônio certamente mais valioso do ponto de vista do ancião. A confusão que marca o diálogo entre os dois personagens parece constituir-se simultaneamente como um atestado da dificuldade de interlocução entre as gerações, decorrência de um inevitável choque cultural, e como crítica a uma lógica estritamente predadora e monetária que, se levada a cabo pelas novas gerações, comprometeria a concretização de um projeto social inclusivo e democrático.

De qualquer modo, a ambiguidade do diálogo aponta para uma convivência entre velhos e jovens que necessariamente deve comportar atritos e fricções, mas que, acima de tudo, deve ser preservada para a instauração de uma ordem pautada em valores que visem ao bem-estar comum.

Em “Noventa e três”, a celebração da vida, ainda que se dê à margem, está no centro da elaboração narrativa. Na sociedade comunitária projetada por Mia

Couto, a riqueza almejada parece constituir-se na solidariedade capaz de atar as duas pontas da vida, unir os excluídos e promover a superação de conflitos e cisões.

FELIZ ANIVERSÁRIO?

Sobre a condição da velhice, Ecléa Bosi (1994, p. 77) afirma: “Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem”.

Nos contos focalizados, a segregação e a infantilização dos anciãos por seus próprios familiares, que se dá simbolicamente no dia de seus aniversários, levam-nos a considerar o lugar marginal ocupado pelo velho na dinâmica das sociedades contemporâneas, marcadas pela descontinuidade dos processos de trabalho e pela aceleração do tempo. Entretanto, se nos fixamos no modo particular como cada conto ficcionaliza a exclusão do idoso, podemos tecer uma relação mais específica entre os textos e a dinâmica dos processos sócio-históricos com que dialogam.

A experiência vivida por Dona Anita, porque fundamentalmente individual e solitária, acaba por encerrá-la nela mesma, em seu mutismo e em sua morte quase insondável. Veiculando uma perspectiva bastante crítica, o texto de Clarice Lispector denuncia toda uma ordem social brasileira urbana e moderna – conservadoramente moderna, no Brasil de meados do século XX – em que a lógica do mercado e da mercadoria se consolida como mediadora das relações pessoais. No universo convencional e estereotipado em que se movem as personagens, as referências culturais se perdem e, enquanto os mais novos tecem relações frágeis e artificiais, os mais velhos se veem condenados à imobilidade e à exclusão.

Já na estória elaborada por Mia Couto, afirma-se outra possibilidade: a da experiência compartilhada por sujeitos cujas atitudes são pautadas por uma ética de caráter coletivo. Recriando um cenário também urbano, o conto adquire uma dimensão utilitária, no sentido proposto por Walter Benjamin (1993), à medida que sugere a constituição de uma modernidade menos excludente, assentada na harmonia entre os sujeitos e o mundo que potencialmente seriam capazes de engendrar. Especialmente no período do pós-guerra, essa esperança orientou o empenho de vários intelectuais que, como Mia Couto, defendiam – e ainda defendem – um projeto alternativo de sociedade.

No final das duas narrativas, as imagens similares de uma escada e um beco escuros que as personagens percorrem para seguir seus rumos assumem sentidos bastante distintos, confirmando a diferença de perspectiva que acabamos de apontar. No conto brasileiro, o final da festa de aniversário se dá quando os convidados deixam o apartamento da filha de Dona Anita, Zilda, e são obrigados a descer escadas difíceis e escuras. Vejamos:

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras – pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranquilidade fresca da rua. Era noite, sim. Com o seu primeiro arrepio (LISPECTOR, 1998, p. 66)

Já na parte final do último parágrafo do conto moçambicano, lemos que:

[...] E se afastam os dois, cada vez mais longe dos ruídos da festa de aniversário. No jardim, o gato esfrega uma saudade na esquecida bengala. Depois, corre pelo beco escuro, juntando-se aos dois amigos que, já longe, festejavam o tempo, comemorando o dia em que todos os homens fazem anos (COUTO, 1996, p. 58).

A passagem das personagens por espaços estreitos e escuros, espécie de travessia ritualística que as lança para o futuro, projeta, de certo modo, o seu próprio destino, que pode ser orientado tanto pela manutenção da ordem material e simbólica do mundo como pela sua transgressão. A perspectiva do devir configura-se, assim, no primeiro caso, sem nenhuma perspectiva de transformação qualitativa da realidade, enquanto, no segundo, pode ser compreendida, nos termos do filósofo Ernst Bloch (2005), como produto da “imaginação utópica”, uma ação forjada a partir de um desejo de mudança.

Na elaboração narrativa dos dois contos focalizados, é possível flagrar o olhar particularizado de cada escritor envolvido com a dinâmica sociocultural da história que se engendrava no momento da escritura dos textos. Como vimos, a perspectiva melancólica e irônica que modula o conto de Clarice Lispector enfatiza a situação de exclusão do velho, uma vez que Dona Anita encontra-se condenada à solidão e à espera da morte; já a perspectiva utópica e solidária que orienta o texto de Mia Couto parece apostar na comunhão entre a força da juventude e a sabedoria da velhice, propiciando ao velho (e ao jovem) o necessário protagonismo social.

A partir de duas diferentes representações ficcionais da exclusão do idoso, ambas portadoras de inquestionável potencial crítico, é possível reconhecer os impasses inerentes à condição do velho nas sociedades contemporâneas. Os dois contos denunciam a exclusão social daqueles que, com sua experiência adquirida no passado, podem e devem contribuir – no Brasil e em Moçambique – para a humanização das relações no presente e no futuro.

OLD AGE AND SOCIAL EXCLUSION IN SHORT STORIES BY CLARICE LISPECTOR AND MIA COUTO

Abstract: This article compares Clarice Lispector’s short story “Feliz aniversário” (1998) to a Mia Couto’s one “Noventa e três” (1996), aiming at the particular way they inquire the old people social exclusion. Beyond the similarities between the stories, it is verified how their constructions, which represent the literary project of each writer, dialogue with the historical experiences in both countries in different times – the late 1950, in Brazil, and the early 1990, in Mozambique.

Keywords: Clarice Lispector. Mia Couto. Short story.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, W. *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1.
- BLOCH, E. *O princípio esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduerj, 2005.
- BOSI, E. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COUTO, M. Noventa e três. In: COUTO, M. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Nova Fronteira, 1996.
- FERREIRA, A. M. (Org.). *A luz de Saturno. Figurações da velhice*. Aveiro: Editora da Universidade, 2005.
- LISPECTOR, C. Feliz aniversário. In: LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PASSOS, C. R. Clarice Lispector: os elos da tradição. In: PASSOS, C. R. *Confluências: crítica literária e psicanálise*. São Paulo: Edusp; Nova Alexandria, 1995.
- SHAKESPEARE, W. *Rei Lear*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

Recebido em junho de 2014.
Aprovado em setembro de 2014.